

Ninguém teve tantos recursos

São Paulo — O Superintendente do Hospital das Clínicas, Guilherme Rodrigues da Silva, um baiano cauteloso, que tem “pavor” de operação cirúrgica, acredita que, “seguramente, no Brasil, nenhum paciente jamais mobilizou tantos recursos técnicos e humanos” como Tancredo Neves.

Além do tratamento do HC, maior hospital da América Latina, com 8 mil 400 funcionários, o Presidente vem recebendo ajuda de um movimento voluntário. Um laboratório suíço mandou gamaglobulina, para reforçar o sistema de defesa imunológica do Presidente; uma fábrica de Campinas pôs à disposição do HC um modelo novo de ventilador pulmonar. “É um esforço inusitado e justificável”, diz o Dr Guilherme Rodrigues da Silva.

Há 17 anos no HC e há três como superintendente, o Dr Guilherme, 56 anos, fala pausadamente, como todo baiano típico. Seu temperamento cauteloso influiu na redação do relatório do Dr Walter Henrique Pinotti, divulgado anteontem. Onde o chefe da equipe médica escreveu “apresenta perspectivas de cura”, o Dr Guilherme fez acrescentar um “ainda”. Com isso tornou o texto menos otimista, enquadrando-o dentro de uma ótica mais realista.

Desde o dia 26 de março, faz parte da movimentada rotina do superintendente do HC visitar diariamente, no final da tarde, o Instituto do Coração, onde está internado o Presidente. Acompanha o drama e tem uma visão definida:

— O Presidente pode morrer a qualquer hora ou escapar, depois de uma recuperação ao longo de, pelo menos, dois meses.

O julgamento é também comedido em relação aos riscos de seqüelas: — Inevitavelmente existirão. Para medi-las, precisaríamos fazer biópsia: Seria preciso, com punções, extrair pedaços de órgãos, como os rins e o pulmão. O organismo do Presidente sofreria novas agressões, com risco de vida. Além do mais, a esta altura, com estado ainda grave, de que adiantariam esses exames? Vamos esperar.

O Dr Guilherme Rodrigues da Silva está tranqüilo, porém, quanto ao que foi feito pelo Hospital das Clínicas. Estima que no mínimo 60 profissionais estão “diretamente” envolvidos no tratamento do Presidente. Tecnicamente, estão sendo usados ou disponíveis “todos os recursos” do hospital, que tem cinco institutos e 2 mil 175 leitos, e um orçamento estimado no início do ano em Cr\$ 267 bilhões, superior ao da grande maioria das cidades do Brasil. O Presidente está internado numa sala isolada do Incor, chamada **bolha da vida**, livre de germes, construída para abrigar pacientes que se submetem a transplantes de coração e que exigem defesa especial contra o risco de infecção.

Além de água benta, amuletos e outras formas de estímulos procedentes de todas as partes do Brasil e do exterior, o Presidente exigiu a incorporação de novos equipamentos ao acervo do HC. Foi o caso de um oxímetro, aparelho importado dos Estados Unidos, para medir a concentração de oxigênio no sangue.

Tem o aparelho a vantagem de fazer essa medição através da fixação de uma pequena peça no lóbulo da orelha. O medidor tradicional exige incisão cirúrgica no braço, onde é posto um cateter, o que, para o Presidente Tancredo Neves, significaria mais uma agressão ao seu debilitado organismo. Outra diferença: o oxímetro importado por 6 mil dólares, permite leitura permanente do nível de oxigênio.

O Dr Guilherme Rodrigues da Silva acha difícil estimar, em dinheiro, o custo de todo esse esforço desenvolvido nos últimos 23 dias. Só sabe que vale a pena:

— O Presidente, além de ser a maior utilidade do país, foi eleito em circunstâncias excepcionais, que encheram o Brasil de esperança.

O superintendente do HC, com a autoridade de professor em medicina preventiva, lamenta, apenas, que Tancredo Neves tenha cometido o erro de esconder sua doença por tanto tempo.